

FORMAÇÃO DO LEITOR E SUBJETIVIDADE: ALGUMAS HISTÓRIAS

Patrícia Cardoso Batista (PG-UEL/CAPES)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo debater a formação do leitor, com ênfase na subjetividade que figura a construção de suas biografias leitoras. Para tanto, foram utilizados os dados recolhidos tanto na dissertação de mestrado em desenvolvimento, quanto nas autobiografias escritas, que foram produzidas por participantes do grupo de pesquisa, do qual faço parte. Nesse sentido, apresentam-se análises de depoimentos de leitoras obtidos por meio de relatos escritos e de entrevistas, nas quais buscou-se investigar o comparecimento da subjetividade em seus percursos-leitores, que foram significativos para o enlace com a leitura. Ao final, propõe-se que o trabalho suscite a reflexão de que cada leitor traça sua história com a leitura de forma singular e subjetiva. Assim, é um elemento que deve ser considerado como constitutivo da leitura, devendo ser, portanto, ponderado no ensino.

Palavras-chave: Formação do leitor; subjetividade; jovens leitores; leitura literária.

FORMAÇÃO DO LEITOR E SUBJETIVIDADE: ALGUMAS HISTÓRIAS

Eu abro a mesa, de hoje, denominada “Biografia nas prateleiras: subjetividade e formação do leitor” com uma pergunta bem sugestiva: *como se torna um leitor?* Essa é uma indagação que todo professor que se preocupa com a leitura está se fazendo constantemente, porque, como envolve a subjetividade do leitor, adianto que não tem resposta pronta e única. Frente a esse questionamento que se coloca como permanente, enquanto professora em formação, que busca por estratégias, teorias e práticas que auxiliem na formação do leitor, principalmente no que concerne à escola, busquei desenvolver a pesquisa sob o título provisório de “Formação de Leitores e Ensino Médio: tecendo histórias”.

O próprio título do trabalho sugere o que pretendi realizar na dissertação de mestrado, que coincide com o tema tratado aqui hoje, seria entender a “biografia nas prateleiras” de leitores, afim de delinear o que figura nelas. Parti do pressuposto de que, ao fazer isso, poderei compreender o quanto a escola contribui ou pode contribuir para esse processo em eterna construção, visto que as nossas biografias, enquanto estivermos exercendo a condição de leitores, nunca estão terminadas. Pois, a cada novo livro que encontramos pelo caminho, nossas biografias vão sendo “re-tecidas”.

Nesse sentido, considero importante apresentar um pouco sobre minha pesquisa. Desse modo, apresento que o objetivo geral é identificar os fatores que contribuem para a formação do leitor que chegou ao terceiro ano do ensino médio. E os objetivos específicos são: descrever o perfil leitor dos alunos concluintes do ensino médio; descrever, analisar e problematizar os percursos individuais de alunos leitores, para compreender como foi mediado pela escola ou não; descrever o contexto em que os alunos estão inseridos a partir da fala de professores de Língua Portuguesa atuantes no ensino médio e bibliotecários das escolas-campo; refletir sobre como os resultados podem contribuir para (re) pensar a formação de leitores no ensino médio.

Para alcançar esses objetivos estabelecidos, recorri à pesquisa de campo, que tomou por base os procedimentos metodológicos do estudo de caso coletivo de cunho qualitativo. Para isso, selecionei os alunos que frequentam os terceiros anos do ensino médio de duas escolas públicas em cidades distintas do Norte do Paraná.

Na primeira etapa, convidei todos os estudantes do terceiro ano do ensino médio para participar da pesquisa, que foi a aplicação do questionário. A triagem dos participantes da segunda etapa baseou-se nos seguintes critérios: alunos cujas respostas evidenciavam gosto pela leitura; alunos que responderam que leram mais de seis livros no ano de 2017, sendo pelo menos um de literatura, independentemente, do que o aluno estava considerando literatura. Vale ressaltar que se reconhece que o leitor não é definido pela quantidade de leituras, mas foi um meio de identificar aqueles que têm exercido, com uma certa frequência, sua condição de leitor. Então, diante dos critérios estabelecidos, cheguei a quatro alunas leitoras.

Assim, para construção deste texto, além dos dados obtidos nas entrevistas com as quatro alunas leitoras, incluí uma autobiografia produzida por uma das participantes do grupo de pesquisa do qual faço parte. Portanto, compõem esse texto as histórias com a leitura de cinco leitoras, sobre os nomes fictícios de: leitora A., 17 anos, leitora B., 20 anos, leitora C., 17 anos, leitora D., 17 anos e leitora E., 46 anos.

Gostaria então de relatar, aqui, algumas considerações a respeito dos depoimentos das leitoras, tendo como foco a visualização da leitura enquanto atividade que implica a subjetividade do leitor, tema que esta mesa está enfatizando. Diante disso, trago algumas considerações sobre o conceito.

A subjetividade é constitutiva da leitura, já que o que toca e afeta o leitor diverge consideravelmente entre os indivíduos. Jouve (2013, p. 53) aponta que, “toda leitura, [...] tem uma parte constitutiva de subjetividade [...] cada um projeta um pouco de si na leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si”. Como somos sujeitos únicos com histórias de vida distintas, é notável que uma mesma leitura provoque efeitos diferentes e evoque impressões pessoais

divergentes, sendo um dos aspectos muito importantes dentro do ensino da leitura. Portanto, o autor defende que a subjetividade tem que estar em sala de aula, pois “a leitura de um texto também é sempre a leitura do sujeito por ele mesmo” (JOUVE, 2013, p. 53).

Contudo, muitas vezes esse é um elemento desconsiderado no ensino. Esse dado é comprovado no relato da leitora E., no qual conta uma experiência pessoal com a leitura contrapondo-a à experiência escolar. O depoimento refere-se à leitura do livro *Dom Casmurro* de Machado de Assis, que foi lido em suas férias devido a uma demanda escolar:

Li o livro e, no retorno das férias, reportei à professora que havia feito a leitura. Ela pareceu não ter acreditado muito que a inexpressiva adolescente de 13 anos havia lido um clássico da literatura brasileira durante as férias de julho. E perguntou: “então? Capitu traiu ou não Bentinho?”. Eu não soube responder. Eu não sabia. Não era importante. O que mais importou pra mim naquela história, então, foi a tristeza e o sofrimento de Bentinho por toda a vida. As mortes, as perdas, a solidão. E acho que, diante do meu silêncio, a professora teve sua certeza de que eu não havia lido. Limitou-se a sorrir. (LEITORA A., 2018)

A experiência relatada pela leitora expõe o quanto a subjetividade é evocada durante a leitura. Ao ler o romance de Machado de Assis, o foco de sua leitura foi direcionado para os sentimentos do narrador-personagem, enquanto, para a professora, seria mais relevante o desfecho do romance. Assim, percebe-se que o prestígio de uma leitura “difícil” é perdido no momento em que a sua finalidade diverge entre as interlocutoras. Diante disso, ressaltamos que, por vezes, a escola desconsidera a subjetividade leitora, pois, como no caso relatado, pesa mais uma interpretação validada pela crítica, limitada ao desfecho, que todo o percurso até chegar a uma compreensão própria. Por isso, a importância de mais discussões em torno desse elemento que faz parte da formação leitora.

Diante dessas considerações é importante ressaltar que, as biografias dos leitores são compostas pelos livros que leram, dos mediadores que encontram e os

momentos específicos com que se encontraram com a leitura. E como observaremos nas histórias que trato aqui, a subjetividade tem influência direta.

Iniciarei as análises pela história da leitora A. Essa leitora teve seu enlace com a leitura na escola, a partir de sua participação em um projeto denominado “Descubra um escritor” (abro parênteses para informar que este projeto foi idealizado pela professora Marly Teresinha Rodrigues Bressanin, a qual participará da mesa-redonda da noite para contar mais detalhes do projeto, que, como podemos ver, rendeu frutos). Mas, então voltando ao caminho leitor da leitora A., em todo seu depoimento os professores são colocados como seus únicos mediadores e incentivadores.

A história relatada coincide com a da leitora B., que, aos 12 anos, também teve a escola como propulsora da sua leitura. Essa entrevistada contou com a presença de uma professora que exigia leitura para trabalhos escolares. Assim, a atividade que, segundo a leitora, no começo foi “meio empurrada”, aos poucos foi construindo a leitura habitual.

Entretanto, esse depoimento não termina por aí, porque não é a obrigatoriedade da leitura que tem destaque em seu percurso-leitor, mas, o momento em que estava passando em sua vida pessoal que a levou a ancorar-se no ato de ler. Segundo relata a leitora B., com a partida da mãe, a leitura se fez um outro espaço e outro tempo para se habitar o momento difícil, como um meio de se distrair daquilo, ao menos por alguns momentos. Sobre isso, ela diz “- [...]e ajudou bastante, porque, se você para e fica pensando em seus problemas, você só fica chorando. Eu, principalmente, sou assim, mas era uma coisa que me distraía” (LEITORA B., 2018).

Nesse sentido, se fazem relevantes as considerações de Petit (2009), para quem os livros, principalmente de ficção, abrem espaço para se habitar um outro espaço ou tempo, permitindo pensar outras possibilidades para pertencer ou imaginar este mundo. Isso pode representar a “abertura para círculos de pertencimento mais amplos, que se estendem para além do parentesco, da localidade, da etnicidade” (p. 95). A



leitora B., usou a leitura como uma forma de voltar a encontrar a energia necessária para escapar dos impasses pelos quais se sentia encurralada.

Saliento ainda que essa leitora teve a contribuição da avó nessa caminhada com a leitura, pois apesar de não ser uma leitora, ela reconhecia que o hábito da neta era bom, de modo que a leitura foi da escola para casa, sendo ali bem recebida. Além disso, a leitora B. relata que a avó ainda pede para que ela leia e depois conte detalhes da história, o que caracteriza uma situação de compartilhamento da leitura, abordada por Colomer (2007). Essa prática é relevante na medida que os leitores têm necessidade de se expressar sobre sua leitura. No caso da leitora B., isso é suprido pelo compartilhamento que faz com a vó.

Passo então à leitora C., que também tem como marcante o momento em que a leitura passa a figurar em sua vida. Essa leitora encontrou-se pela primeira vez com a leitura aos 10 anos de idade a partir do compartilhamento de uma amiga. O livro era *Menina-Mãe*, e diz muito sobre o momento estava passando. A leitora C. passou por uma situação difícil em sua vida, tendo sido, na infância, vítima de abuso sexual. Ao fazer seu relato, a leitora revela que foi justamente no encontro com esse livro que pode nomear aquilo que estava vivendo, já que, por se tratar de uma criança, não sabia, à época, o que a traumática experiência significava. Em suas palavras: “ - [...] nos livros a gente encontra muitas repostas também, a gente vê muitas vidas, então, eu acho que facilita, principalmente para prosseguir” (LEITORA C., 2017). Além da amiga, sua mãe contribuiu para que a leitura permanecesse, pois compra livros e incentiva o hábito.

Mas além dessa leitora, temos a leitora D., que, tendo perdido precocemente o pai, encontrou no livro *A Menina que Roubava Livros* uma protagonista que também perde um ente querido, nesse caso o irmão. Segundo a leitora: “-[...] no mesmo mês que eu li, o meu pai faleceu também. Me ajudou um pouco as palavras que falava sobre o irmão dela” (LEITORA D., 2017). A partir desses e de outros relatos, constatamos a importância de encontrar nos livros meios de simbolizar e nomear aquilo que se passa com o indivíduo, de forma que, “quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos,



mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo” (PETIT, 2009, p. 71). A história com a leitura desta participante, tem justamente o pai como o maior propulsor, visto que, desde pequena, ouvia histórias bíblicas contadas por ele, o qual também lhe comprava livros.

Diante desses relatos significativos, que demonstram o quanto a subjetividade figura na formação dos leitores, trago as contribuições da Psicanálise para o entendimento da leitura literária. Segundo Freud (2011, p. 18), “a vida, tal como nos coube, é difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos”. Assim, o autor propõe três modos para ajudar a diminuir tais sofrimentos, dentre eles estão as satisfações substitutivas, sendo uma delas proporcionada pela arte, que “são ilusões face à realidade, nem por isso menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que tem a fantasia na vida mental” (FREUD, 2011, p. 19). Então, percebe-se que, em relação à leitura literária, esta pode proporcionar a fuga da realidade, às vezes, necessária ao ser humano.

Além disso, na psicanálise tem-se o conceito de sublimação, que se refere à modificação do alvo nas pulsões sexuais para um objeto que tenha valor social, e que pode proporcionar uma satisfação ao menos parcial. Nesse caso, os exemplos citados por Freud (2011) são a “atividade artística” e o desenvolvimento intelectual. Então, pode-se situar a leitura dentre os objetos socialmente valorizados capazes de levar à sublimação.

O processo de sublimação descrito por Freud é constatado na fala das leitoras B. e C., pois o seu despertar para a leitura está intimamente ligado aos momentos difíceis que passaram em suas vidas. Ao deparar-se com a difícil realidade, transformam-nas em algo simbólico, algo que, a literatura as auxiliou ora para fugir da realidade, ao menos por alguns estantes, ora para nomear suas emoções.

Acrescento ainda o depoimento da leitora E. Essa leitora iniciou seu contato com as leituras e os livros quando criança a partir da mediação do irmão já alfabetizado. Depois com o pai, pois participava de reuniões em sua casa, no qual discutiam-se textos

de cunho bíblico. Ademais, o livro aparece como objeto valorizado por sua família, já que relata que, em datas comemorativas, era presenteada com eles.

Destaca-se ainda que a escola também faz algumas aparições em sua caminhada com a leitura, dentre elas, uma se faz significativa para a leitora E., referente ao acesso a um livro por meio da indicação de uma professora:

Por fim, outro evento de leitura marcante em minha formação leitora [...]. Foi [...] “Quando florescem os ipês”, de Ganimedes José. História triste, de misérias do interior do Brasil. Lembro-me de duas ou três imagens muito significativas: a personagem principal, uma negra tísica e pobre, dizendo querer ser enterrada sob a copa de um ipê, para que, no verão, pudesse ouvir o tuc-tuc das flores ao caírem no chão sobre si. A delicadeza dessa imagem ligada à morte fez um efeito talvez definitivo para minha formação leitora. Ali eu via aquilo que Candido chamou de pertinência, embora na época não supusesse se tratar disso, de ver nomeado aquilo que, em mim, andava disperso. [...] E eu, leitora, via na fala da pobre mãe toda uma enorme miséria. Era eu vivendo a literatura, apreendendo toda miséria por minha epiderme leitora. (LEITORA E., 2018)

A relevância da mediação proposta por Petit (2009) é comprovada no relato da leitora, pois foi por sugestão da professora que se chegou até esse livro, bastante significativo na formação da participante - tanto que relembra detalhes das sensações que foram despertadas em si. Além disso, é interessante a reflexão da leitora A. sobre a teoria que fundamenta sua formação, quando evoca o teórico Antonio Candido (2004), pois, conseguiu identificar uma das dimensões que afetam e formam o leitor.

Pode-se inferir, portanto que, para a leitora E., os mediadores que encontrou em seu caminho foram cruciais para sua formação leitora. Principalmente seus familiares que, desde cedo, mostraram-se leitores e fizeram o laço afetivo entre ela e a leitura. Mas a escola, impulsionou à leitura de um livro que relata ter sido tão significativo a sua formação como leitora, já que, ao se reportar a ele, descreve o momento como “Era eu vivendo a literatura” (LEITORA E., 2018).

Portanto, diante dos depoimentos e teorias apresentadas, posso afirmar que a literatura possibilita compreender melhor a si mesmo, o outro, o mundo ao redor,

enfim, ampliar seu universo, imaginar outros modos de viver. Em vista disso, mostra-se essencial aos seres humanos, o que justifica a preocupação com a mesma em pesquisas e discussões, tais como a mesa aqui proposta.

Logo, percebe-se que não é por acaso que Candido (2004) afirma que a literatura é um “bem incompressível”, que se apresenta similar à moradia, à saúde, ao alimento. Sendo assim, deve ser respeitada como um direito de todos. Para o autor, “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura [...] ela é fator indispensável de humanização, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (p. 175).

Para concluir, a análise dos depoimentos permite-me fazer algumas considerações. Percebe-se que a história com a leitura pode começar antes ou depois de adentrar a escola. Contudo, sempre conta com o intermédio e incentivo de alguém. No caso das leitoras A. e B. seu encontro com a leitura ocorreu na escola, mediado por seus professores. Já as leitoras C., D. e E. tiveram seus encontros, respectivamente, por meio de uma amiga, dos pais, e do irmão/pai.

Desse modo, a escola aparece como importante àqueles que não tiveram a sorte de dispor de livros em casa ou de conviver com pais leitores. Além disso, infere-se que o professor tem influência na formação de leitores quando assume o papel de mediador na escola em que leciona, ora como um mediador importante para o primeiro encontro ora como um propulsor de novos encontros significativos.

Outro aspecto relevante que surge entre as leitoras são as relações afetivas desencadeadas no processo de leitura ou mesmo como instauradoras deste. Em todos os depoimentos comparece um parente ou um amigo que ajudou a deflagrar ou a adensar o percurso de formação leitora, o que nos leva a concluir que o afeto é elemento fundamental para a manutenção do itinerário formativo do leitor.

Diante das reflexões trazidas, depreende-se que cada leitor traça sua história com a leitura de forma singular, subjetiva e afetiva. Mas, para isso, é preciso contar com ações mediadas por agentes do ambiente escolar e de fora dele.

REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, Maria T. **A leitura, outra revolução**. Tradução Newton Cunha. São Paulo: Sesc, 2017.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GARCIA-ROZA, Luiz A. **Introdução à Metapsicologia Freudiana: artigos de metapsicologia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- JOUBE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. de. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 53-65.
- LIMA, Sheila O. Subjetividade e formação do leitor: o problema da ausência da leitura literária em livros didáticos do ciclo 1 do ensino fundamental. *Terra Roxa e Outras Terras*, v. 31, p.18-30, dez. 2016.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2º ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: 34, 2009.
- _____. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: 34, 2013.
- ROUXEL, Annie. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. de. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. P. 67- 87.

